

DEBATE TEÓRICO E HISTÓRICO SOBRE A TEORIA DA DEPENDÊNCIA NA AMÉRICA LATINA: o avesso do desenvolvimento na Amazônia.

Joyse Fernanda dos S. P Alves¹

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo fazer uma síntese teórica e histórica acerca da teoria da dependência e seus principais impactos na economia da América Latina, abordando nesse sentido sua integração no capitalismo global, e qual os reflexos e continuidades para o avesso do desenvolvimento da Amazônia.

Palavras-chave: Teoria da dependência, América Latina, Amazônia.

ABSTRACT

This article aims to make a theoretical and historical synthesis about the dependency theory and its main impacts on the Latin American economy, approaching in this sense its integration into global capitalism, and what are the reflexes and continuities for the reverse of the development of the Amazon.

Keywords: Dependency theory 1, Latin America 2, Amazon 3.

1 INTRODUÇÃO

As hipóteses norteadoras contida nesse trabalho está em fazer um debate teórico acerca da teoria da dependência na América latina, visando fazer reflexões dessa teoria no Brasil e seus impactos no “desenvolvimento” da Amazônia. Assim, mostrar a particularidade da América Latina no desenvolvimento do capitalismo em um contexto global, pontuando as contradições presentes na América Latina, que é reflexo de um modo de produção capitalista.

A teoria da dependência é uma formulação teórica e será analisada nesse trabalho pelas principais reflexões de intelectuais como Ruy Mauro Marini, Mathias Seibel Luce, Theotonio dos Santos. Porém, outros intelectuais contribuíram com o debate como: André Gunder Frank, Vania Bambirra, Orlando Caputo, Roberto Pizarro e outros. A maioria desses autores, em maior ou menor grau, segue a metodologia do materialismo histórico-dialético.

¹ Mestre em Serviço Social pela Universidade Federal Do Pará (UFPA); Doutoranda em Serviço Social (PPGSS); joysepinheiro@gmail.com

Será feita uma análise histórica desse período para contextualizar o debate sobre a teoria da dependência, abordando uma relação centro periferia. O autor, principalmente Ruy Mauro Marini, utiliza-se de categorias marxistas (valor, taxa de lucro, mais-valia, mais-valia absoluta, exército de reserva, outros.) como ferramenta de análise da realidade concreta da América Latina, discorrendo porque a América Latina se integra no mercado mundial, refletido assim, quais as implicações disso para a forma como o desenvolvimento vai ocorrer, mostra em seus textos que a integração ao mercado mundial é um processo de troca desigual, o que gera uma super exploração da força de trabalho (categoria chave), aborda a super exploração da força como uma categoria importante, pois retrata uma característica estrutural das economias dependentes e da América Latina em particular.

Nesse sentido, busca-se entender e refletir sobre a lógica de integração da América Latina no mercado mundial, mostrar como isso leva um processo de transferência de valor, através da troca desigual, e como leva a um mecanismo de compensação interno as economias dependentes que é a super exploração da força de trabalho, e quais as implicações sobre o ciclo do capital na economia dependente e na industrialização.

Busca-se elucidar através da teoria da dependência e seus reflexos na América Latina, uma relação com a atual situação econômica, social e política brasileira. E ainda refletir nesse contexto a realidade de “desenvolvimento” da Amazônia, em específico o caso de Barcarena (Pará). Essa concepção teórica marca as economias periféricas em geral, e a brasileira em particular. Essas reflexões e contestações são de extrema importância para fazer uma análise da teoria com o que há de concreto na realidade, pois, essas formas de acumulação capitalista na Amazônia, tem repercutido diversas transformações.

2 TEORIA DA DEPENDÊNCIA: INTEGRAÇÃO DA AMÉRICA LATINA AO MERCADO MUNDIAL

Nesse primeiro momento vamos tentar de maneira sintética fazer uma abordagem histórica de como a América Latina se integra ao capitalismo global, a partir do surgimento das indústrias, da revolução Industrial, ressaltando que desde a época da economia colonial a América Latina já contribuía para o desenvolvimento econômico Europeu (através principalmente da exportação). Segundo Marini (2011, p133-134) “colônia produtora de metais preciosos e gêneros exóticos, a América Latina contribuiu em um primeiro momento

com o aumento do fluxo de mercadorias e a expansão de meios de pagamento”. Desse modo permitiu o desenvolvimento do capital comercial bancário na Europa.

A economia latino-americana tem suas particularidades para Marini (2011, p.132) “por sua estrutura global de funcionamento, não poderá se desenvolver jamais da mesma forma que desenvolveu as economias capitalista chamadas avançadas”. Assim, “mais do que um pré-capitalismo, o que se tem é um capitalismo sui generis, que só adquirir sentido na perspectiva do sistema em seu conjunto, tanto em nível nacional, quanto, e principalmente, em nível internacional” (p.132)

No que se refere à teoria marxista da dependência. Segundo Santos (2015), Ruy Mauro Marini inseriu o debate das grandes questões da luta revolucionária, em um campo teórico altamente abstrato, e foi capaz de iluminar os aspectos mais relevantes da realidade econômica, social e política. Desse modo, o debate dos intelectuais da América Latina gerou uma base teórica e histórica de interpretações crítica do papel da periferia no sistema capitalista mundial. Nesse sentido, para assegurar a reprodução ampliada da dependência ocorre modificação nas relações de produção.

A origem da Teoria da Dependência encontra-se, na década de 50, no pensamento elaborado pelo argentino Raúl Prebisch e outros teóricos vinculados à Comissão Econômica para América Latina (CEPAL), os quais realizam uma crítica às explicações convencionais do desenvolvimento, a partir de uma perspectiva essencialmente econômica. Estes autores são denominados como teóricos da “velha dependência”.²

Na análise histórica é importante destacar alguns fatores como o final da II Guerra mundial. Segundo Santos (1988, p.6) entraram em declínio definitivo as potências imperialistas que haviam dominado o mundo do final do século XIX até a I Guerra Mundial. Para o autor, o domínio colonial, embora contestado a partir dos anos 20, pela emergência da hegemonia norte-americana, continuou a ser praticado e inclusive exacerbaram-se, as tentativas de redivisão do mundo.

A América Latina, deseja, além de uma independência política real diante das pressões diplomáticas e intervenções políticas e militares diretas da Inglaterra, sobretudo até 1930, e dos Estados Unidos, particularmente depois da II Guerra, uma independência econômica que viabilize seus Estados nacionais, seu desenvolvimento e seu bem estar. SANTOS, 1998, p.8)

² Disponível em < http://www.unieuro.edu.br/sitenovo/revistas/downloads/hegemonia_03_04.pdf>
Acesso em 20/08/2021.

A emancipação política de grande parte desses povos pós II guerra mundial não assegurou seu pleno desenvolvimento. Nesse sentido o florescimento o surgimento da grande indústria, principalmente com a revolução industrial espacialmente no primeiro momento na Inglaterra, depois em alguns países europeus e vai se espalhando pro mundo, com a industrialização ocorre um desnível estrutural de produtividade os capitais ingleses passam a ter uma vantagem competitiva em função do processo técnico incorporado nas fábricas. Conseguiram vender para o mundo com o custo de produção menor.

A teoria da dependência surge na América Latina nos anos 60, com intuito de compreender as características estruturais dos países inseridos, tardiamente, no sistema de produção. Para Santos (1998, p.17):

[...] Tentava explicar as novas característica do desenvolvimento socioeconômico da região, iniciado de fato em 1930-45. Desde os anos 30, as economias latino-americanas, sob o impacto da crise econômica mundial iniciada em 1929, haviam se orientado na direção da industrialização, caracterizada pela substituição de produtos industriais importados das potências econômicas centrais por uma produção nacional.

Para Marini (2011, p.133) “forjada no calor da expansão comercial promovida no século XVI pelo capitalismo nascente, a América Latina se desenvolve em estreita consonância com a dinâmica do capitalismo internacional”. Nesse sentido, a revolução industrial, que dará início a independência política da América Latina, conquistas na primeira metade do século XIX, um conjunto de países passam a girar em torno da Inglaterra.

Desse modo quanto mais a economia Europeia e Inglesa, especialmente, se especializam na revolução industrial, mais ela precisa da importação de alimentos e matérias primas industriais do resto do mundo. Por tanto, se estabelece nesse momento uma estrutura que conforme Marini (2011, p.134) é definida uma divisão internacional do trabalho, que determinará o sentido do desenvolvimento posterior da região, configurando-se a dependência, entendida como uma relação de subordinação.

Percebe-se que a dependência é uma condição do qual as nações centrais se alimentam de nações formalmente independente, cujo as relações das nações subordinadas são modificadas/recriadas para garantir a reprodução ampliada da dependência. (MARINI, 2010). A situação de dependência não é a mesma do marco colonial, nascendo um novo tipo

de dependência. Nessas nações subordinadas as relações de produção são modificadas, se ampliando. Assim para Marini (2010, p.328):

A participação da América Latina no mercado mundial contribuirá para que o eixo da acumulação na economia industrial se desloque da produção de mais-valia absoluta para a de mais-valia relativa, ou seja, que a acumulação passe a depender mais do aumento da capacidade produtiva do trabalho do que simplesmente da exploração do trabalhador.

Desse modo com a grande indústria ocorre o desenvolvimento extraordinário da produtividade, que leva a economia industrial europeia a produzir com base na produção de mais-valia relativa³ só é possível devido o papel da América Latina ou do conjunto das economias dependentes. Nesse mesmo período histórico de consolidação das grandes indústrias o processo de descolonização latino Americana e a formação de estados nacionais soberanos.

Algumas considerações sobre as funções que cumpre a América Latina são analisadas pelo autor MARINI (2011, p.138) como: contribuirá para que o eixo da acumulação da economia industrial se desloque da produção de mais-valia absoluta⁴ para a de mais-valia relativa. Esse processo se dar-se fundamentalmente com base em uma maior exploração do trabalhador.

Esse caráter contraditório da dependência latino-americana que devemos abordar com não, resultado do aumento da produtividade da economia europeia. O desenvolvimento da riqueza ocorre em paralelo com o da pobreza nos países dependentes da América Latina. Devemos perceber que os polos da economia mundial se articulam. A Teoria da dependência, numa síntese apertada, afirma que a unidade nacional ou regional somente pode ser entendida em conexão com sua inserção no sistema político-econômico mundial.

2.1 O segredo da troca desigual e a superexploração da força de trabalho.

³ A **mais-valia relativa** apresenta-se quando o desenvolvimento de maquinário mais avançado e de maior eficiência, o que, teoricamente, levaria à diminuição dos custos e do tempo de produção, não se traduz em melhorias para o trabalhador. Disponível em< <https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/conceito-mais-valia.htm>> Acesso em 20/08/2021.

⁴ Uma das formas é por meio do prolongamento da jornada de trabalho, para além do tempo necessário para que o trabalhador produza as condições de sua subsistência, e da apropriação desse trabalho excedente pelo capitalista. Disponível em< <https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/conceito-mais-valia.htm>> Acesso em 20/08/2021.

Nesse tópico iremos explicar como a integração ao mercado mundial produz uma situação de exploração internacional, através do qual, os países dependentes transferem valor para os países centrais e através desse processo a violência política e militar (se tornam supérflua). Isso ocorre pelas teias invisíveis do mercado. Nesse contexto, as grandes questões econômicas e políticas, que norteiam a construção teórica da teoria marxista da dependência, centram-se na superexploração do trabalho, no intercâmbio desigual e no subimperialismo.

A inserção da América Latina na economia capitalista responde às exigências da passagem para a produção da mais-valia relativa nos países industriais. Essa é entendida como uma forma de exploração do trabalho assalariado que, fundamentalmente com base na transformação das condições técnicas de produção, resulta da desvalorização real da força de trabalho. (MARINI, 2011,p.138)

O autor Marini (2011) esclarece a confusão entre os conceitos de mais-valia relativa e o de produtividade. “Uma maior capacidade produtiva do trabalho não assegura por si só uma aumenta da mais- valia relativa” (Marini, p. 138-139). Nesse sentido devemos entender que a concorrência força os capitalistas individuais a buscarem meio de reduzir o custo de produção, quando se consegue aumentar a produtividade, gerar um processo técnico, reduzir o custo de produção, isso ocorre, porque ele produz mais mercadoria na mesma unidade de tempo, significa que o valor individual de cada mercadoria diminuiu (é o tempo que defini o valor), assim consegue vender pelo valor de mercado delas. Assim, consegue se apropriar de uma mais- valia extraordinária. Essa dura, enquanto durar a diferença entre a base técnica desse capital inovador e base técnica geral do setor ou do ramo.

A mais-valia extraordinária altera a repartição geral da mais-valia entre os diversos capitalista, ao traduzir-se em lucro extraordinário, mas não modifica o grau de exploração do trabalho na economia ou no setor considerado, ou seja, não incide na taxa de mais- valia. (MARINI,2011, p.139)

Desse modo para o autor a super exploração do trabalho é uma condição necessária para o capitalismo mundial, tendo como subsistência a criação da mais-valia. Nesse sentido voltaremos a abordar como a América Latina contribui para a expansão do capitalismo industrial, primeiro oferta alimentos exigido pelo aumento da classe operária e materiais primas. “mediante a incorporação no mercado mundial de bens-salário, a América Latina

desempenha um papel significativo no aumento da mais-valia relativa nos países industriais” (MARINI, 2011, p.140).

À medida que o mercado mundial alcança formas mais desenvolvidas, o uso da violência política e militar para explorar nações débeis se torna supérfluo, e a exploração internacional pode descansar progressivamente na reprodução de relações econômicas que perpetuam e amplificam o atraso e a debilidade dessas nações. Verifica-se aqui o mesmo fenômeno que se observa no interior das economias industriais: o uso da força para submeter a massa trabalhadora ao império do capital diminui à medida que começam a jogar mecanismo econômico que consagram a subordinação. (MARINI, 2011, p.143-144).

Nesse sentido para o autor a consolidação do império do capital produz uma violência econômica consentida, assim como, os trabalhadores vão voluntariamente se submeter a um processo de produção assalariada (trabalho assalariado) de transferir mais-valia para os capitalista, assim voluntariamente as economias dependentes exportam mercadorias e importam outras mercadorias, se integram na divisão internacional do trabalho, isso gera uma relação desigual.

Martins (2011) defende que setor o monopólio da burguesia, representado pelo grande capital internacional e nacional, tem a base de sua mais-valia extraordinária no monopólio setorial que exerce na economia dependente. Essa integração comercial entre os países dependentes e os países centrais gera uma relação de exploração internacional. O desenvolvimento do império do capital, burla a lei do valor (lei da troca de equivalente). Conforme MARINI (2011, p.144):

O desenvolvimento das relações mercantis coloca as bases para que uma melhor aplicação da lei do valor tenha lugar, mas simultaneamente, cria todas as condições para que operem os distintos mecanismo mediante o os quais o capital trata de burlá-la.

A expansão do capitalismo global pelas regiões periféricas visa extrair a mais-valia absoluta por meio de exploração da força de trabalho. Para isso, os principais fenômenos do capitalismo global têm sido o elevado dinamismo do progresso tecnológico e a subordinação da burguesia nacional aos interesses do capital internacional.

A dependência do sistema hegemônico imperialista, nas regiões periféricas, por sua estrutura global e seu funcionamento, não poderá desenvolver se jamais da mesma forma que desenvolvem os países centrais (Marini, 1973). Nesse sentido parte do valor produzido

dentro das economias dependentes e cedido para as economias imperialistas, graças ao mecanismo da troca desigual. Outro ponto abordado neste tópico é sobre a categoria superexploração que é uma das categorias analisadas do capitalismo dependente. Para LUCE (2018,p.135):

Superexploração entendida como determinação negativa do valor contida na lei do valor, em que a corporeidade viva da força de trabalho e submetida a um desgaste prematuro; e/ou reposição de seu desgaste acontece de tal maneira em que a substância viva do valor não é restaurada em condições normais (isto é, nas condições sociais dadas), ocorrendo rebaixamento do seu valor.

A super exploração do trabalho é um mecanismo de compensação, ela ocorre ou vai ser entendida como a remuneração da força de trabalho abaixo do seu valor, os trabalhadores passam a receber menos do que eles deveriam receber. Marini (2001) cita três formas que geram essa superexploração da força de trabalho: primeiro o aumento da intensidade do trabalho; segundo o aumento da jornada de trabalho e terceiro a redução do salário nominal. Justificando essas práticas devido à ausência de tecnologia que aumentasse a produtividade do trabalho.

Como tudo isso se articula no ciclo do capital na economia dependente? Isso implica a forma de como a industrialização vai ocorrer aqui e mesmo com capital estrangeiro essa industrialização acentua os problemas da economia dependente, especialmente a superexploração da força de trabalho.

2.1.1 o avesso do desenvolvimento na Amazônia

Usando a teoria da dependência como subsídio, o artigo analisa a experiência da exploração e apropriação do território feito por implantações de grandes empreendimentos no território da Amazônia, nesse caso será analisado a experiência de Barcarena (Pará), que se fazem sentir, a partir da década de 70.

Nessa lógica, o Estado aparece como mediador, permitindo e beneficiando o grande capital condições de acesso à terra, aos recursos naturais e humanos. Analisando o processo das implantações de grandes empreendimentos no território da Amazônia, destaca-se, a partir da década de 1970: “As implantações desses projetos que teve de apoio do Estado brasileiro, através de dotação de infraestrutura, da concessão de incentivos fiscais e de

medidas diversas, o que tornou seu papel estratégico no âmbito da economia regional” (PALHETA 1988 apud LÔBO, 1996, p.52).

A Amazônia é produto de grandes transformações dentro de seus territórios, em virtude das formas de acumulação capitalista. Essa conjuntura repercute em diversas transformações no território das comunidades locais, onde instalam-se grandes empreendimentos, que são reflexos, sobretudo, de implementação de indústrias.

Para Pereira (2006), essas políticas aconteceram juntamente com um conjunto de transformação sobre a urbanização na região, cujas características, entre a década de 1970 e 1980, foram a valorização dos centros localizados a margens das rodovias e a reprodução de pequenos núcleos dispersos (povoados e vilas).

Para TRINDADE (2013, P.6), essa lógica fez da Amazônia uma fronteira econômica do capital e de controle político do estado no processo de ordenamento territorial brasileiro desde a segunda metade do século XX. Exemplo desse modelo de intervenção na região, com todas as consequências aos seus povos originários, é o município de Barcarena. Barcarena é um município próximo a Belém, capital do Pará, que possui uma história de lutas e resistência ao longo dos séculos de história e de seus 74 anos de emancipação. O município foi inserido na lógica do capital, através do processo de inserção da Amazônia nos planos nacionais, que a partir década de 1980 se intensificaram, fábricas, portos, estradas, novos núcleos urbanos foram implementados, mudando radicalmente a cultura local.

No Pará, o município de Barcarena é palco das grandes implantações de grandes projetos Industriais, portuários e de logística. Os novos arranjos socioespaciais são resultados históricos desse processo de avanço do capital na Amazônia. Para Marques (2019, p.203) “a Amazônia foi apresentada como ‘fonte de recursos naturais’ e a natureza restringiu-se, de um lado, à matéria-prima e, de outro, à mercadoria na forma de terras para comercialização e acumulação”.

Desse modo o objetivo é ter este estudo como referência para a investigação dos processos recentes de exploração e da apropriação dessas grandes empresas. A pulverização de empresas multinacionais, que se instalou em Barcarena-PA, foi para atender a economia global, processo esse que se intensificou a partir da década de 1980, onde as empresas multinacionais passaram ocupar um espaço que não eram vazios e que servem de apoio à expansão do capital na região, assim, provocam grandes modificações territorial no município.

Para MARQUES (2019, p.204) os anos de 1980 abriu -se um período de forte aplicação das políticas neoliberais no Brasil. Collor de Mello, o primeiro a adotar tais medidas, foi derrubado pelas mobilizações populares. Assim, com a derrubada de Collor, assumiu através das eleições Fernando Henrique Cardoso, ambos presidentes tiveram como coincidência a adoção do neoliberalismo, privatizando as empresas estatais e abrindo a economia brasileira ao capital multinacional.

O discurso de “desenvolvimento” seguido do discurso economicista e que entende a natureza como obstáculo ao progresso, tem-se nos discursos oficiais em ocupar e se apropriar da natureza “os espaços vazios” amazônicos. As implantações dos grandes projetos ocasionam mudanças no espaço já habitado, que com o discurso de modernização, acabam ocasionando impactos físicos-ambientais, em seu território, gerando resistência das comunidades em Barcarena.

Observa-se um cenário de grandes transformações do uso de seu território, ocorrido ao longo do período histórico, especialmente a partir da instalação de grandes empreendimentos como: o projeto Albrás-Alunorte e a construção de portos (Porto de Vila de Conde e o da Pará Pigmentos⁵) para escoamento da produção. A presença das atividades de mineração estimulou uma intensa transformação no município. Os principais afetados nessa correlação de força entre Estado, empresa e comunidades são os próprios povos tradicionais que mantêm uma relação direta com o meio ambiente.

Assim fazendo uma relação desse contexto de Barcarena com a teoria da dependência no contexto marxista, tem-se a contradição que ainda hoje existe entre o capital-trabalho, entre produto e consumo, pois para as empresas a natureza é vista como mercadoria, diferentemente do olhar que as comunidades tradicionais exercem com a natureza dentro do mesmo território, estabelecem com o fator território sua identidade (social, cultural, outras). Dessa maneira a economia capitalista dentro da região acirra as relações desiguais de “desenvolvimento”. Assim, as comunidades tentam resistir a esse processo de poder do capitalismo sobre os seus territórios, buscando alternativas de superação dessa sociedade de mercadoria.

⁵ ALBRAS/ Alunorte tiveram sua implantação iniciada em 1980, que foi dívida em três partes. A primeira consistia na instalação de acampamento provisório. A segunda a construção da cidade na parte norte. A terceira na construção de residências, comércios e serviços. (TRINDADE JR, 2002, p.202). O Porto de Vila do Conde foi inaugurado em 24 de outubro de 1985 Pela Companhia Docas do Pará – CDP.

3 CONCLUSÃO

A teoria da dependência na América latina ainda é muito estudada entre os intelectuais, percebe-se que na região, desde o primórdio da colonização foi a que mais avançou, desde os primórdio da colonização europeia, era considerada como armazém de recursos naturais apostos para satisfazer as necessidades das economias centrais. Teria, então, a função de ser exportadora de matéria-prima no sistema econômico mundial.

Atualmente, a região amazônica, o caso de Barcarena no Pará em destaque, tem se configurado como uma das grandes disputas de acesso ao de melhor que o território pode proporcionar em relação aos recursos provenientes da natureza. O encontro desses agentes (empresa, comunidades, estado) é marcado pela contradição de valores políticos, sociais e culturais diferentes, onde o estado privilegia o grande capital, visando tão somente a classe dominante. Tem-se nesse cenário as empresas multinacionais oportunistas e que não estão nenhum pouco preocupadas com o desenvolvimento da região, assim não assumem compromisso com a população, e ainda recebem incentivos do Estado.

Refletir sobre essa dinâmica que acontece em cidades da Amazônia, como é o caso de Barcarena, é importante para dar visibilidade a essas comunidades, a esse povo que luta para manter suas tradições e vínculos familiares. E assim, poder de certa forma contribuir para o resgate do modo de vida dessas comunidades que vem enfrentando grandes lutas ao longo dos anos. A teoria da dependência, neste caminhar, deve ter o objetivo de colocar as riquezas naturais da região na condição de propulsora de processo de autonomia, ou seja, de desenvolvimento socioespacial.

REFERÊNCIAS

- CARMO, E. D. (org.). **Barcarena Livre Informa** 1: “37 anos de desastres socioambientais em Barcarena”. Belém, 2016, 22p.
- ESTUMANO. J et al. Barcarena: cidade da gente. Fortaleza, CE: Didáticos Editora, 2018.
- HAZEU, Marcel. **O não lugar do outro: sistemas migratórios e transformações sociais em Barcarena**. 2015. 337f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Pará, Núcleo Altos

Estudos Amazônico, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido, Belém, 2015.

LUCE, Mathias S. **Teoria Marxista da dependência**: problemas e categorias – uma visão histórica. São Paulo: Expressão Popular, 2018. Cap. 1 e 3.

MARINI, R. M. **Dialéctica de la dependencia**: la economía exportadora, em Tres ensayos sobre América Latina, Ed. Anagrama, Barcelona, 1973 [1972].

MARINI, Ruy Mauro. **Dialética da Dependência**. In: STEDILE, João Pedro e TRASPADINI, Roberta (orgs). Ruy Mauro Marini: vida e obra. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

MARINI, Ruy Mauro. **O CICLO DO CAPITAL NA ECONOMIA DEPENDENTE**. In: FERREIRA, Carla; OSORIO, Jaime; LUCE; Mathias (orgs.). Padrão de reprodução do capital: contribuições da teoria marxista da dependência. São Paulo: Boitempo, 2012.

MARQUES, Gilberto. **Amazônia: riqueza, degradação e saque**. São Paulo: Expressão Popular, 2019.

MARQUES, Indira; MARQUES, Gilberto; ALVES, Fernando. **APROPRIAÇÃO DE RECURSOS NATURAIS NA AMAZÔNIA: DEPENDÊNCIA, ESPOLIAÇÃO E SAQUE**. Niterói-RJ. In: https://sep.org.br/anais/2019/Sessoes-Ordinarias/Sessao3.Mesas21_30/Mesa30/303.pdf

MARTINS. C. E. Mauro Marini e sua atualidade: reflexões para o século XXI. Crítica Marxista, n.32, p.127-146, 2011

PEREIRA, J.C.M. **A urbanização da Amazônia e o papel das Cidades Médias na Rede Urbana Regional**. In: CARDOSO, A.C.D.C. (Org.). O Rural e Urbano na Amazônia: Diferentes olhares em perspectiva. Belém: EDUFPA, 2006.

PALHETA, R. Movimentos sociais e reivindicações populares em torno das empresas de transformação mineral em Barcarena: um estudo da atuação das associações de moradores e trabalhadores rurais. 2005. 140f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Núcleo Altos Estudos Amazônico, Curso Internacional de Mestrado em Planejamento do Desenvolvimento, Belém, 2005.

SANTOS, T. **Teoria da dependência**: balanço e perspectivas. Editora Insular. Volume 1, Florianópolis, 2015

SANTOS, Theotônio dos Santos. **A teoria da dependência**: balanço e perspectivas.1988.

TRINDADE JR., S-C. C. **Das “Cidade na floresta” às “Cidades da Floresta”**: Espaço, ambiente e urbanodiversidade na Amazônia brasileira. Papers do NAEA N°321.Belém, 2013.

TRINDADE JR, S-C. et al. (orgs). **Cidade e empresa na Amazônia**: gestão do território e desenvolvimento local. Belém: Paka- Tatu, 2002.